

Um cofre heráldico alusivo à Expansão Portuguesa

Paulo Morais-Alexandre

Professor da Escola Superior de Teatro e Cinema; Doutor em Letras pela Universidade de Coimbra; académico fundador e presidente da Academia Lusitana de Heráldica; da Academia Falerística de Portugal; do Centro Lusíada de Estudos Genealógicos, Heráldicos e Históricos; da Secção de Genealogia e Heráldica da Sociedade de Geografia de Lisboa

«Manoel, que a Jonne sucedeo
No Reino, e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do Reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.»

Luis Vaz de Camões – *Os Lusíadas*, IV – LXVI, 5-8



Cofre heráldico alusivo à Expansão Portuguesa

Resumo: Levanta-se e estuda-se a simbologia heráldica e ao nível das empresas alusiva a figuras ligadas à Expansão Portuguesa, nomeadamente navegadores, num cofre de bronze, português, da década de quarenta do século XX.

Palavras-chave: Heráldica, Brasão, Escudos-de-armas, Expansão Portuguesa, Navegadores, Empresas, Artes Decorativas

Abstract: It is established and studied the symbology of a brass chest dated from the forties of the twentieth century decorated with heraldry of Portuguese Navigators.



Cofre heráldico alusivo à Expansão Portuguesa (interior)

Keywords: Heraldry, Coats of Arms, Portuguese Discoveries; Decorative Arts

Identificação, características e descrição do Cofre

Designação: Cofre em forma de baú.

Proveniência: Português. Coleção Particular. Adquirido num antiquário em Lisboa. Não se conhece qualquer referência anterior ao mesmo.

Datação: Meados do século XX.

Tipologia: Pertence à tipologia dos cofres constituídos por uma caixa paralelepípedica, sobreposta de um tampo abaulado.

Materiais: De bronze. O interior é forrado a veludo vermelho em bom estado de conservação.

Dimensões:

Caixa: 20cm comp. X 12cm. larg. X 7,5cm. alt.;

Tampa: 20cm comp. X 12cm. larg. X 3cm. alt. máxima;

Pés: 4, cilíndricos, 1cm alt X 1,5cm diâmetro.

Cofre heráldico, descrição:

Decorado com motivos emblemáticos esculpidos alusivos à Expansão Portuguesa em baixo-relevo, nomeadamente heráldica, cruces da Ordem de Cristo, esferas armilares, encordoados, arcos trilobados e enrolamentos vegetalistas.

As faces laterais do cofre são decoradas por uma arcada cega com arcos trilobados, interrompida por uma pestana que cobre fechadura e do lado oposto por uma falsa pestana. Os arcos são separados por colunas torsas e, no seu vão, estão inseridos escudos.

Painel frontal, da esquerda para a direita: escudos-de-armas de Tristão Vaz Teixeira, Gonçalo Vaz Velho, João Gonçalves Zarco e Bartolomeu Perestrello.

Painel lateral direito, da esquerda para a direita: empresa do rei D. João II, escudo-de-armas de Pedro Álvares Cabral e empresa do rei D. Manuel I.

Painel posterior, da esquerda para a direita: escudos-de-armas de Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Gaspar Corte Real e Afonso de Albuquerque

Painel lateral esquerdo, da esquerda para a direita: Empresa do rei D. João II, escudo-de-armas de Vasco da Gama e empresa do rei D. Manuel I.

Tampa, da esquerda para a direita: Armas do Infante D. Henrique, uma nau sotoposta com a divisa «POR MARES NUNCA DANTES NAVEGADOS», armas de rei de Portugal (usadas entre os reinados de D. João II e D. Sebastião).

A fechadura é coberta por uma pestana em forma de rosa-dos-ventos, rematada por uma flor-de-lis.

Assenta sobre quatro pés cilíndricos.
Não existe qualquer vestígio de pintura e os escudos-de-armas não apresentam qualquer convenção cromática.
O trabalho escultórico, no seu conjunto, é razoável, nomeadamente ao nível da ornamentação. No entanto, numa análise mais minuciosa verifica-se que há uma clara estilização e sobretudo não há uma preocupação em que os motivos repetidos sejam exactamente iguais, antes se verificando que têm diferentes tratamentos e características, apresentando as legendas dos listéis algumas irregularidades.

Introdução

O ponto de partida é um pouco vulgar cofre heráldico, que poderá ter servido como guarda-jóias, pertencente a colecção particular, nada sabendo o seu proprietário sobre a sua origem ou proveniência já que terá sido encontrado para venda num antiquário de Lisboa. Tem uma profusa decoração heráldica alusiva aos Descobrimentos Portugueses, embora algumas soluções decorativas como a arcada remetam mais para a época medieval do que para o tempo do Manuelino, sendo possível encontrar algumas afinidades, por exemplo, com a arcada que decora a face frontal da arca votiva dos Mártires de Marrocos oriunda do mosteiro de Lorvão, ou o arco que decora a iluminura de Raimundo de Borgonha, do século XII, do arquivo da Catedral de Santiago de Compostela.

É possível afirmar, desde logo, quer pela decoração tão arredada quer do naturalismo, quer do plateresco que decoram o Manuelino, quer pelo próprio estado de conservação, que não poderá ser Neomanuelino e que, com um grau de certeza muito elevado, terá sido feito por ocasião das grandes comemorações de 1940, tendo aliás o seu programa simbólico claras afinidades com o do Pavilhão dos Portugueses no Mundo da autoria do arquitecto Cotinelli Telmo, da importante Exposição do Mundo Português de 1940.

Efectivamente, no tempo do Estado Novo considerava-se que a Heráldica, em geral, e a heráldica e demais simbologia associada aos Descobrimentos, em particular, tinha a potencialidade de servir para projectar a ima-

gem do Estado Português, sendo tal claramente visível pela forma como foi empregue nas várias exposições destinadas a comemorar o décimo aniversário da Revolução Nacional, realizadas em 1936 em Braga e Lisboa e também nas exposições internacionais de Sevilha em 1929. Registe-se que o comissário-geral desta última mostra, Silveira e Castro, chegou mesmo a solicitar à Secção de Heráldica e Genealogia da Associação dos Arqueólogos Portugueses um parecer relativo às armas dos reis D. João I e D. Manuel I, dos Infantes D. Henrique e D. Pedro e ainda de Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque, de modo a que as mesmas pudessem «[...] figurar na ornamentação interior do Pavilhão Português na Exposição Ibero Americana de Sevilha [...]»¹. Cite-se ainda o importante pavilhão português na *Exposition Internationale des Arts et des Techniques* de Paris de 1937, da autoria do arquitecto Francisco Keil do Amaral onde as decorações heráldicas foram também muito relevantes. Neste edifício, na sala de Honra, onde estava a estátua do à altura presidente da república, o então general Óscar Fragoso Carmona, na parede contra a qual a estátua estava disposta, acompanhando o verso inicial do Hino Nacional: «Heróis do mar, / Nobre povo», surgiam de cada lado cinco escudos de armas, com armas das dez capitais de distrito continentais.



Sala de honra do pavilhão português na Exposition Internationale des Arts et des Techniques de Paris de 1937

¹ Conde de São Paio (D. António) – “Heráldica de Família: As armas dos Reis D. João I e D. Manuel I, Infantes D. Pedro e D. Henrique, Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque” in *Elucidario Nobiliarchico*. Lisboa : Afonso de Dornelas, 1929, vol. 2, p. 83.

A utilização sistemática da Heráldica aconteceu, sobretudo, nesta grande exposição destinada a comemorar o duplo centenário da Fundação da Nacionalidade e da Restauração da Independência Nacional, designada de *Exposição do Mundo Português*, no ano de 1940. Nesta mostra que tinha como objectivos mostrar o passado, afirmar o presente e projectar o futuro do País², com o cargo de secretário-geral atribuído ao mais empenhado heraldista da primeira metade do século XX em Portugal³, Afonso de Dornelas, ir-se-ia recorrer de forma sistemática à representação heráldica na grande construção cenográfica que foi este evento, sem dúvida para, através dos conjuntos de armas, galvanizar os visitantes. Todo o acontecimento ficava marcado por abundante decoração heráldica, desde o exterior dos pavilhões ao seu interior, sendo, talvez, o momento mais alto da utilização da heráldica na Exposição a monumental Praça do Império, da autoria do arquitecto Cotinelli Telmo, com uma fonte luminosa ao centro, tendo no seu perímetro exterior os brasões das famílias dos que se entendia representativos «[...] dos grandes apelidos de Portugal [...]» acompanhados «[...] dos emblemas das empresas reais da Dinastia de Avis [...]»⁴, rodeada nos canteiros das armas das províncias ultramarinas e das cidades capitais de distrito esculpidas em buxo⁵.

Por sua vez, o Pavilhão dos Portugueses no Mundo da autoria do supramencionado Cotinelli Telmo, mas significativamente organi-

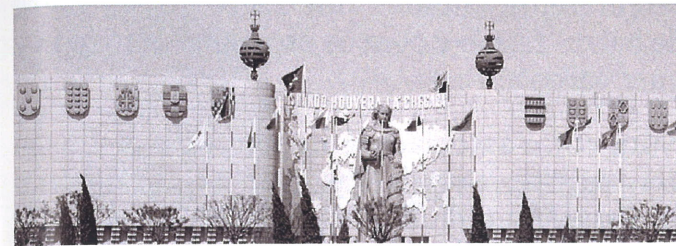
² «[...] em primeiro lugar, a projecção sobre o passado, como uma galeria de imagens heróicas da fundação e da existência nacionais, da função universal, cristã e evangelizadora, da Raça, da Glória marítima e colonial do Império; em segundo lugar a afirmação das forças morais, políticas e criadoras do Presente; em terceiro lugar, um acto de fé no futuro.» Augusto de Castro – “Discurso inaugural” [1940, Julho, 23] in *Mundo Português: Imagens de uma Exposição Histórica*. Lisboa : Edições SNI, 1956

³ A comissão foi nomeada por portaria de 1938, Abril, 11, sendo Afonso de Dornelas apontado enquanto secretário da Academia Portuguesa de História.

⁴ F. P. de Almeida Langhans - *Heráldica Ciência de Temas Vivos*. Lisboa : Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, 1966, vol. 1, *hors-texte*, pp. 104-105.

⁵ Uma planta com as legendas das armas dos canteiros está publicada em ibidem, vol. 1, *hors-texte*, pp. 208-209.

zado por Afonso de Dornelas⁶, apresentava a rematar a sua fachada os brasões dos navegadores, «[...] erguida sob fiadas de cachorros, encimada pelo friso heráldico dos brasões das grandes linhagens: Silvas, Castros, Gamas, Albuquerque, Almeidas, Ataídes, Cunhas, Vieiras, Cabrais, etc.»⁷. Registe-se que o tratamento estético dado às armas era particularmente académico, onde havia eventualmente uma simplificação de alguns móveis.



Fachada do Pavilhão dos Portugueses no Mundo

A questão ideológica é evidente neste cofre, até pela possibilidade de uma leitura óbvia, nada erudita ou rebuscada, ao ponto de os escudos terem listel identificando (“legendando”) as armas.

Trata-se, no entanto, de uma peça absolutamente emblemática e muito significativa relativamente à estética do período em que foi criada, o Estado Novo, e da sua utilização da História da Expansão Portuguesa, para fins galvanizadores e de legitimação do regime.

Heráldica

Heráldica da Casa Real de Portugal

Em termos de heráldica real são apenas contemplados os brasões do infante D. Henrique e as armas de Portugal que poderão ser atribuídas quer ao rei D. João II, quer ao rei D. Manuel I, embora como se verá adiante, até com mais propriedade ao rei D. João III.

⁶ Conde de São Paio – *À Memória de Afonso de Dornelas*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1948, p. 20.

⁷ Cit. Margarida Acciaioli - *Exposições do Estado Novo 1934-1940*. S.l. : Livros Horizonte, 1998, p. 136.

Armas do infante D. Henrique



Armas do infante D. Henrique

O infante D. Henrique, terceiro filho do rei D. João I de Portugal e de sua mulher a rainha D. Filipa de Lancaster, é por muitos considerado o principal mentor dos descobrimentos, tendo sido governador da Ordem de Cristo e o responsável pela exploração da costa africana atlântica

As armas representadas são:

Escudo ogival com cinco escudetes em cruz, os dos flancos apontados ao centro bordadura de castelos, entre eles as pontas da cruz da Ordem Militar de Avis. Por diferença um lambel de três pendentes.

Correspondem às armas usadas pelo infante D. Henrique:

Escudo: de prata com cinco escudetes de azul em cruz, carregados com onze besantes do primeiro, os dos flancos apontados ao centro; bordadura de vermelho, com castelos de ouro abertos de vermelho, entre eles as pontas de uma cruz florenciada de verde da Ordem Militar de Avis. Por diferença um lambel com três pendentes de azul, carregado cada pendente com três flores-de-lis de ouro.

Timbre: um dragão saínte de verde e lampasado de vermelho.

Divisa: «TALENT DE BIEN FAIRE»

O TIMBRE

Verifica-se que na representação destas armas no cofre houve uma clara simplificação, assim o lambel não tem qualquer carga, algo que aliás já sucedia nas armas que decoram o túmulo deste infante no Mosteiro de Santa Maria da Vitória, o mesmo se passando com os escudetes/quinas, e os castelos não são especificados enquanto tal, embora se identifique claramente a cruz da Ordem Militar de Avis da bordadura.



Lambel do infante D. Henrique



Detalhe das armas do infante D. Henrique⁸



Armas do rei de Portugal

Armas do rei de Portugal

A ordenação do campo do escudo real de

⁸ Mosteiro de Santa Maria da Vitória, Capela do Fundador, painel frontal do túmulo do infante D. Henrique.

Portugal representado corresponde, embora de forma simplificada, ao que ainda é usado no presente:

Escudo de prata, com cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada um carregado por cinco besantes de prata, postos em aspa; bordadura de vermelho, carregada de sete castelos de ouro.

Na representação no cofre surge muito simplificado, nomeadamente com os castelos a serem representados por meros quadrados de baixo-relevo e com os escudetes sem qualquer carga.

Num cofre associado à Expansão, os reis representados através das suas armas seriam necessariamente D. João II e D. Manuel I, embora o trabalho dos seus antecessores, nomeadamente de D. Afonso V e do sucessor D. João III não possa ser considerado despiciendo já que ambos tiveram um papel também relevante na expansão, o primeiro na exploração da costa africana, e o segundo na exploração do Oriente.

D. Afonso V foi, com a concessão atribuída a Fernão Gomes do comércio da Guiné, sob a condição da exploração da costa africana a costa, que chegaria à Mina em 1471, um dos principais promotores da expansão atlântica, sendo ainda do tempo do seu reinado a descoberta da Terra Nova por Gaspar Corte Real.

D. João II, rei de Portugal entre 1481 e 1495, teve um papel fulcral nos Descobrimentos, desde a assinatura dos Tratados das Alcáçovas e Tordesilhas à exploração de grande parte da costa africana e seria sob a sua égide que Bartolomeu Dias ultrapassaria o Cabo da Boa Esperança.

D. Manuel I viu no seu reinado alguns dos factos mais relevantes da Expansão, nomeadamente a descoberta do caminho marítimo para a Índia e a descoberta do Brasil.

Foi, por fim, no reinado de D. João III que os navios portugueses atingiram o Extremo Oriente, chegando às costas da China e do Japão.



O TIMBRE

Armas do rei D. João II⁹



Armas do rei D. João III¹¹

Armas do rei D. Manuel I¹⁰



Se no caso da representação das empresas reais representadas, como adiante se verá, a sua individualização permite facilmente a sua identificação e a sua atribuição às dos reis D. João II e D. Manuel I, o autor do cofre parece ter optado por manter alguma ambiguidade relativamente às armas reais, já que estas podem ser assacadas a qualquer destes dois reis, sendo aliás também válidas para os monarcas subsequentes.

Efectivamente, este escudo surge pela primeira vez no reinado de D. João II, mais concretamente no ano de 1485¹², na altura em que as armas reais sofrem uma transformação, passando os escudetes laterais a estar

⁹ Pormenor do frontispício da obra de Ludolfo de Saxónia - *Vita Christi* (trad. port. Nicolau Vieira e Bernardo de Alcobaça). Lisboa: Nicolau de Saxónia, 1495

¹⁰ Pormenor do frontispício do "Livro I" das *Ordenações*. Lisboa: Valentim Fernandes, 1515

¹¹ Pormenor do frontispício da obra de Gil Vicente - *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente a qual se reparte em cinco liuros. O primeyro he de todas suas cousas de deuaçam. O segundo as Comedias. O terceyro as Tragicomedias. No quarto as Farsas. No quinto as obras meudas*. Lisboa: Joam Alvarez, 1562.

¹² Franz-Paul de Almeida Langhans - Ob. cit., vol. 2, p. 31.

apontados ao contrachefe e desaparecendo, ainda, as pontas da cruz da Ordem de Avis da bordadura do escudo.

Relativamente á representação de castelos representados na bordadura, limitada apenas a sete, verifica-se que há exemplos, embora raros, com esta disposição a partir do reinado de D. João II, o mesmo sucedendo no reinado de D. Manuel I, com mais frequência, e ficaria, finalmente, estabelecido no reinado de D. João III.

Quanto à variação do número de castelos da bordadura, ainda no reinado de D. Manuel I, veja-se quer as iluminuras das *Ordenações*, quer as dos forais dimanados por este rei onde se prova que há efectivamente uma inconstância no número dos mesmos que se alterava de acordo com a lei do enquadramento.

Toda esta evolução e sobretudo a fixação das armas portuguesas é claramente visível nos frontispícios de várias das publicações coevas, sendo ainda de registar as iluminuras, nomeadamente as da importante *Leitura Nova*. Uma importante fonte é também a numismática, com as moedas cunhadas nestes reinados a reflectirem a modificação do escudo de Portugal.

No cofre, o escudo é encimado por uma coroa aberta estilizada. Também esta não dará a atribuição exacta de armas a um dos reis citados, já que esta se manterá aberta até ao início do reinado de D. Sebastião, como se pode verificar através de moedas cunhadas neste período. Efectivamente será apenas no final deste reinado que a coroa para a ser fechada com um arco superior o que, em termos de numismática, só será visível nos últimos tostões mandados cunhar no tempo deste monarca.

"S. Sebastião" de ouro, moeda do reinado de D. Sebastião



Heráldica dos navegadores

São, também, no cofre em apreço representados os brasões de armas de alguns dos mais importantes navegadores portugueses, aliás, à semelhança da simbologia que decorava o Pavilhão dos Portugueses no Mundo na já referida Exposição do Mundo Português, onde estes eram descritos de forma particularmente lírica: «Dos terraços do Mosteiro dos Jerónimos, coroados de pinásios acogulhados, o pavilhão mostrava-se com a sua torre terminal, defrontando o rio e a sua fachada decorada pelos brasões dos grandes nomes portugueses [...]»¹³.

Várias dos escudos-de-armas representados no cofre correspondem simplesmente às armas da linhagem dos navegadores, outras correspondem a estas com os acrescentamentos honrosos derivados do feito, sendo por fim várias as armas novas por mercê régia.

Sobre a tipologia da simbologia das armas que alguns navegadores portugueses recebem, quer como mercê de armas novas, quer como acrescentamentos honrosos, Miguel Metelo de Seixas considera que estas «[...] podiam representar directamente as circunstâncias de âmbito ultramarino que haviam levado à sua concessão [...] Mais raramente, as figuras aludiam à navegação, ao descobrimento e tomada de posse de territórios, ou incorporavam elementos exóticos.»¹⁴ Não obstante há efectivamente vários e interessantíssimos casos a citar, nomeadamente:

«A ponta ondada de azul e prata de Álvaro Afonso Frade, Nicolau Coelho (neste caso, partida de verde, aludindo duplamente aos novos mares e terras), Álvaro do Couto e Bento Maciel Parente; a ponta azul de Gaspar Pacheco do Azambujal; o quartel ondado de prata e azul de Filipe de Brito de Nicote; o cavalo marinho de André Caldeira. [...] Os padrões de Diogo Cão e Nicolau Coelho; os

¹³ *Mundo Português: Imagens de uma Exposição Histórica*, ..., s.p.

¹⁴ Miguel Metelo de Seixas – “Reflexos ultramarinos na heráldica da nobreza de Portugal” in *Congresso Internacional Pequena Nobreza nos Impérios Ibéricos de Antigo Regime*. 2011, Maio, 18-21. E-book. Endereço: <http://run.unl.pt/bitstream/10362/12621/1/Reflexos%20ultramarinos.pdf>. Acedido em 2014, Dezembro, 29, p. 25.

penhascos de Diogo Cão e Lopo Barriga; a caverna com barras de Bento Maciel Parente (alusiva às minas). Poderá caber nesta categoria a cruz presente nas armas de Duarte Coelho, porventura alusiva à Terra de Santa Cruz. [...] As palmeiras de Álvaro Gonçalves de Cáceres e João Lopes; as cabeças de negro de Fernão Gomes da Mina; as onças de Nuno Martins Garro e Sebastião Gonçalves Pita; o tigre de Bento Maciel Parente.»¹⁵

Veja-se ainda a este respeito o artigo de António Machado de Faria de Pina Cabral – “Simbolismo heráldico dos descobrimentos e conquistas portuguesas” onde esta temática é também abordada¹⁶.

Todas as armas dos navegadores representadas no cofre têm em lugar do timbre próprio uma esfera armilar diminuta, claramente com fins decorativos.



Fachada do Pavilhão dos Portugueses no Mundo

Armas de Tristão Vaz Teixeira

Tristão Vaz Teixeira foi um cavaleiro da casa do infante D. Henrique que com ele terá estado em Ceuta e foi por este encarregue de explorar a costa africana até à Guiné. Mais tarde ficaria responsável pela colonização de

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ António Machado de Faria de Pina Cabral – “Simbolismo heráldico dos descobrimentos e conquistas portuguesas” in *Comunicaciones y Conclusiones del III Congreso Internacional de Genealogia y Heráldica*. Madrid: Instituto Internacional de Genealogia y Heráldica, 1955.



Armas de Tristão Vaz Teixeira

parte da ilha da Madeira. Considera-se que o uso do apelido Teixeira será tardio, uma vez que não consta em documentos oficiais. De igual forma não se encontrou qualquer prova da atribuição de armas de mercê nova que vulgarmente lhe é atribuída e que seria de azul com uma fénix. A indicação de que na capela tumular da família, na igreja matriz do Machico, há uma pedra de armas onde esta composição surge associada a um partido de Teixeiras¹⁷ não é esclarecedora já que estas armas serão já da segunda metade do século XX¹⁸. As armas que o cofre apresenta para aludir ao supracitado navegador são plenas de Teixeira: escudo de azul, com cruz de ouro potenteia e vazia, embora sem o timbre, um unicórnio de prata, armado de ouro, saínte¹⁹.

Armas de Gonçalo Velho

Gonçalo Velho foi um cavaleiro da casa do infante D. Henrique que com ele terá estado em Ceuta. Frade professo na Ordem de Cristo terá, segundo alguns, participado no descobrimento dos Açores, sendo efectivamente nomeado capitão donatário de San-

¹⁷ João Cabral do Nascimento – s.v. “TEIXEIRA, Tristão Vaz” in SERRÃO, Joel (dir.) - *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1981 [reed.], vol. 6, p. 138.

¹⁸ Rui Carita – “RE: armas de Tristão Vaz Teixeira” [Mensagem em linha]. Para Paulo Morais Alexandre. 2014, Dezembro, 16. Comunicação pessoal.

¹⁹ Afonso Eduardo Martins Zúquete (coord.) - *Armorial Lusitano*. Lisboa: Representações Zairol, 1987, 3.ª ed., p. 520.



Armas de Gonçalo Velho

ta Maria e de São Miguel, que povoou²⁰. As armas representadas, as plenas dos pertencentes a esta antiga linhagem são: escudo de vermelho, com cinco vieiras de ouro, postas em aspa; timbre (não representado): um chapéu de romeiro, de negro, com uma vieira de ouro na aba²¹.

Armas de João Gonçalves Zarco



Armas de João Gonçalves Zarco

²⁰ Francisco Carreiro da Costa – s.v. “VELHO, Fr. Gonçalo” in SERRÃO, Joel (dir.) – Ob. cit., pp. 266-267.

²¹ Afonso Eduardo Martins Zúquete (coord.) – Ob. cit., p. 549.

O TIMBRE

João Gonçalves Zarco foi um cavaleiro da casa do infante D. Henrique que com ele terá estado em Ceuta, capitaneou a armada que fez o reconhecimento da ilha da Madeira e foi, mais tarde, responsável por parte do seu povoamento tendo chegado a capitão donatário do Funchal²². Teve armas de mercê nova associadas à concessão do apelido de Câmara de Lobos por parte de D. Afonso V no ano de 1460: «Um escudo preto e ao pé uma montanha verde, sobre a qual está edificada uma torre de prata entre dois lobos de ouro.»²³

Armas de Bartolomeu Perestrello



Armas de Bartolomeu Perestrello

Bartolomeu Perestrello, de origem italiana, era cavaleiro da casa do infante D. Henrique. Foi o responsável pelo povoamento e, também, donatário do Porto Santo. Terá usado as seguintes armas: escudo partido, a primeira pala de ouro com um leão de púrpura, armado e lampassado de vermelho, a segunda pala de prata, com uma banda de azul, carregada de três estrelas de oito raios de ouro e acompanhada por seis rosas de vermelho, postas em orla; timbre: o leão do escudo²⁴, as mesmas que sem timbre são reproduzidas no cofre heráldico.

²² João Cabral do Nascimento – v. “ZARCO, João Gonçalves” in SERRÃO, Joel (dir.) – Ob. cit., p. 358.

²³ Visconde de Sanches de Baena - *Archivo Heraldico-Genealogico*. Lisboa: Typographia Universal, 1872, vol. 1, p. 293.

²⁴ Afonso Eduardo Martins Zúquete (coord.) – Ob. cit., p. 431.

Armas de Pedro Álvares Cabral



Armas de Pedro Álvares Cabral

Pedro Álvares Cabral, moço fidalgo de D. João II, foi nomeado capitão-mor da segunda armada à Índia pelo rei D. Manuel I, que se crê integrasse a missão de registrar oficialmente o achamento do Brasil, algo que a caravela que levava consigo e que ficou encarregue de explorar o novo território e trazer a notícia ao rei claramente indicia. As armas que lhe correspondem no cofre são as dos Cabrais plenas, de prata, duas cabras de púrpura e por timbre, não representado, uma das cabras do escudo²⁵.

Armas de Diogo Cão

Diogo Cão foi escudeiro da casa do duque de Viseu, o infante D. Henrique, tendo sob as ordens de D. João II feito duas importantes viagens de exploração da costa africana. Descende de uma família cuja origem se desconhece, sabendo-se apenas que no reinado de D. João I já existia. O apelido provavelmente provirá de alcunha. Recebeu o «[...] título de nobre de cota de armas, podendo usar do seu elmo e escudo [...]» por carta datada de 14 de Abril de 1484²⁶. As armas que lhe foram atribuídas são: escudo de verde, com duas colunas de prata, rematadas cada uma

²⁵ Ibidem, p. 121.

²⁶ Visconde de Sanches de Baena – Ob. cit., vol. 1, p. 138.

por uma cruz de azul e firmadas sobre dois montes, moventes de um terreiro, tudo de sua cor; timbre (não representado): as duas colunas do escudo passadas em aspa e atadas de verde²⁷.



Armas de Diogo Cão

Armas de Bartolomeu Dias

Foi Bartolomeu Dias que, nomeado por D. João II capitão de uma pequena armada, dobrou o então chamado cabo das Tormentas que depois seria renomeado de cabo da Boa Esperança e que descobriu a passagem por mar entre os oceanos Atlântico e Índico, atingindo o rio do Infante no lado oriental de África. A partir de uma carta régia tardia

²⁷ Afonso Eduardo Martins Zúquete (coord.) – Ob. cit., p. 136. Quer relativamente a este navegador, quer relativamente a outros, Carlos da Silva Lopes coloca a tônica de que as armas recebidas, independentemente da sua configuração, se devem mais aos serviços prestados pelos seus antepassados à coroa, nomeadamente na guerra do que à descoberta realizada, «Não foi por mero capricho que nesta carta se foram buscar os serviços de Gonçalo Cão e os de seu filho como reforço dos do neto. Se Diogo Cão é para nós uma figura principal dos descobrimentos quatrocentistas, o critério próprio da época colocava no primeiro plano os feitos de guerra. Era o espírito de cavalaria que predominava e com ele o ideal de Cruzada firmado pelo infante D. Henrique.» Cit. Carlos da Silva Lopes – *As Conquistas e Descobrimientos na Heráldica Portuguesa no Século XVI*. Braga : 1960. Separata de *Armas e Troféus*, 1960, Jan./Abr, 2.ª série, n.º 2, p. 16.

a um seu neto Paulo Dias de Novais, sabemos que se chamaria Bartolomeu Dias de Novais e são exactamente as armas de Novais que estão representadas no cofre: escudo de azul, com cinco novelos de prata; estas armas apresentam por timbre, não representado, uma aspa de azul, com dois novelos do escudo enfiados nas extremidades superiores²⁸.



Armas de Bartolomeu Dias

Armas de Gaspar Corte-Real



Armas de Gaspar Corte-Real

²⁸ Afonso Eduardo Martins Zúquete (coord.) – Ob. cit., p. 398.

Gaspar Corte-Real filho do navegador João Vaz Corte-Real, irmão de Miguel e Vasco Anes, efectuou viagens de reconhecimento a Ocidente tendo atingido a Gronelândia e a costa ocidental da América do Norte, tendo inclusivamente chegado a atingir a costa canadiana²⁹. As armas apresentadas correspondem às do escudo dos Cortes-Reais que são: de vermelho, seis costas de prata, postas 2, 2 e 2 e firmadas nos flancos; chefe de prata, carregado de uma cruz do primeiro esmalte, solta nos flancos: o timbre: um braço armado de prata, guarnecido de ouro, com lança enristada de prata, hasteada de ouro, com uma bandeira de duas pontas também de prata, carregada de uma cruz de S. Jorge de vermelho³⁰, não surge representado e, ao contrário do que é habitual, na representação destas armas no cofre as costas não surgem firmadas.

Armas de Afonso de Albuquerque



Armas de Afonso de Albuquerque

Afonso de Albuquerque foi o segundo a ser nomeado governador da Índia e a ele se deve a expansão do domínio português na região do Índico. Tem por armas, as mesmas que estão no seu retrato que integra a galeria dos Vice-Reis e Governadores da Índia Portuguesa no palácio do governo em Pangim: escudo

²⁹ Francisco Carreiro da Costa – s.v. “CORTE REAL, Irmãos” in SERRÃO, Joel (dir.) – Ob. cit., vol. 2, p. 197.

³⁰ Afonso Eduardo Martins Zúquete (coord.) – Ob. cit., p. 178.

esquartelado, o primeiro e o quarto, de prata, com cinco escudetes de azul postos em cruz, cada escudete carregado de cinco besantes de prata, em aspa; o segundo e o terceiro, de vermelho, com cinco flores-de-lis de ouro postas em aspa; por timbre, não representado, uma asa de negro, carregada de cinco flores-de-lis de ouro postas em aspa³¹.

Armas de Vasco da Gama



Armas de Vasco da Gama

Foi Vasco da Gama quem descobriu o caminho marítimo para a Índia, de que foi governador e vice-rei, tendo-lhe o feito valido vários favores reais. Assim, além do Almirantado dos Mares da Índia, do título de Dom e de várias outras honrarias, é-lhe também conferido um acrescentamento honroso de um escudete das quinas, com os besantes em ouro, em ponto de honra nas armas dos Gamas.

Ficavam assim ordenadas as suas armas: escudo xadrezado de ouro e de vermelho, de três peças em faixa e cinco em pala, as de vermelho carregadas de dois filetes de prata postos em faixa; e um escudete de prata, com cinco escudetes de azul postos em cruz e carregado de cinco besantes de ouro, brocante, ao centro, sobre a segunda tira e parte da terceira.

³¹ Afonso Eduardo Martins Zúquete (coord.) – Ob. cit., p.40.

Outras possibilidades heráldicas não contempladas

Armas de outros importantes navegadores ou de notáveis portugueses relacionados com a Expansão Portuguesa poderiam, sem dúvida, ser também representados no cofre em apreço se a pesquisa tivesse sido mais aprofundada e não baseada apenas no óbvio. A título de exemplo, enquanto navegadores relevantes citem-se, entre vários outros, Pêro Escobar que, com João de Santarém e Fernão do Pó, descobriu o arquipélago de São Tomé e Príncipe; Gil Eanes, escudeiro do infante D. Henrique que ultrapassou o Cabo Bojador em 1434; o burguês Fernão Gomes a quem D. Afonso V arrendou o comércio da Guiné, que teve um papel tão relevante na exploração da costa africana que recebeu o apelido de Mina e armas de mercê nova³⁶; Fernão do Pó, o responsável pela descoberta das ilhas do Golfo da Guiné; António de Abreu, um navegador relevante que explorou Samatra e Java entre outras terras; o capitão-do-mar António Correia com uma acção notável na Índia, responsável pela conquista da ilha de Baharem³⁷, o que leva a que este passe a ser o seu apelido, recebendo carta-de-armas em 1540 com um acrescentamento honroso³⁸, que reflecte o facto de nesta conquista ter sido morto o soberano daquele reino; Duarte Fernandes que atingiu o, à altura, Reino do



Armas dos Gamas³²

Armas dos Gamas de Vasco da Gama³³

Este acrescentamento honroso é muitas vezes representado em disposição errada, já que surge patenteado no coração do escudo e não em ponto de honra como o representam os primeiros armoriais onde surge iluminado³⁴. Na representação do cofre surge na localização correcta, aliás como sucede também na monumental fonte armoriada da praça do Império, em Lisboa, embora no caso em apreço, devido às dimensões muito reduzidas da representação, não há a possibilidade de se esculpir ou dar a indicação dos besantes.

O timbre dos Gamas é falante: uma gama passante de ouro, carregada de três palas de vermelho. Embora não seja conhecida a carta-de-armas que o outorga, nem esteja representado no *Livro da Nobreza e Perfeição das Armas*, onde o timbre das armas daquele navegador se mantém, é certo que os descendentes do Almirante das Índias passaram a usar em seu lugar «[...] um meio naire, de braços nus, vestido e toucado de branco, ao modo da Índia, com uma tira que lhe cai pelas costas, tendo na mão direita o escudo das armas e na esquerda um ramo de canela de verde, florido de ouro.»³⁵

³² *Livro do Armeiro-Mor*. Lisboa : Academia Portuguesa de História/Edições Inapa, 2000, p. 74.

³³ *Ibidem*, p. 74.

³⁴ Humberto Nuno Lopes Mendes de Oliveira e Miguel Metelo de Seixas – “As Armas de D. Vasco da Gama e os acrescentamentos honrosos na heráldica portuguesa dos séculos XV e XVI” in *Tabardo*. Lisboa : Centro Lusíada de Estudos Heráldicos e Genealógicos/Universidade Lusíada, 2002, n.º 1., pp. 44-45.

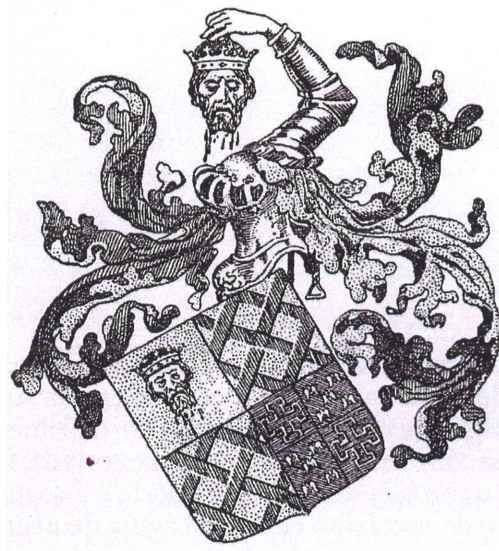
³⁵ Afonso Eduardo Martins Zúquete (coord.) – Ob. cit., p. 238.

³⁶ «Em campo de prata tres cabeças de negro, em roquete, cada uma com um collar de oiro e argolas do mesmo nas orelhas e nas ventas do nariz; timbre uma das cabeças.» Cit. Visconde de Sanches de Baena – Ob. cit., vol. 2, p. 114.

³⁷ Jaime Cortesão – “A expedição de Cabral (1500)” in Carlos Malheiro Dias (ed. lit.) - *História da colonização portuguesa do Brasil*. Porto : Litografia Nacional, 1922, vol. 2, p. 32.

³⁸ A Carta-de-armas mandada passar por D. João III, datada de 14 de Janeiro de 1540, ordena as suas armas da seguinte forma: «Esquartelado: o primeiro de vermelho com uma cabeça de mouro, cortada, fotada de prata e coroada de ouro; o segundo e o segundo e o terceiro de vermelho com uma águia de negro, estendida, armada e membrada de ouro e um escudete de ouro, fretado de vermelho, de seis peças, brocante sobre todo o corpo da águia (Correia); o quarto contra-esquartelado: o primeiro e o quarto de azul com uma cruz potenteia e vazia de ouro (Teixeira); o segundo e o terceiro de verde, com cinco flores-de-lis de ouro, postas em sautor (Mota). Timbre: um braço armado de prata, com a cabeça de um mouro pendurada pela fota.» Cit. Afonso Eduardo Martins Zúquete (coord.) – Ob. cit., p. 178.

Sião, modernamente designado por Tailândia; Jorge Álvares que atinge a China no ano de 1513; Gomes de Sequeira que em 1525 terá alcançado a Austrália; Fernão Mendes Pinto, autor de um dos mais extraordinários textos da gesta portuguesa; por fim Fernão de Magalhães que realizou a primeira circum-navegação e que usava armas.

Armas de Fernão Gomes³⁹Armas de António Correia Baharem⁴⁰

A título de exemplo, refira-se que foram vários os navegadores e exploradores do litoral

³⁹ António Godinho - *Livro da Nobreza e Perfeição das Armas*. Lisboa: Edições Inapa, 1987.

⁴⁰ Jaime Cortesão - Ob. cit., p. 32.

brasileiro que tiveram armas:

Nicolau Coelho foi o capitão-mor da expedição que, em 1501, realizou a exploração do litoral da Terra de Santa Cruz e recebeu armas; o próprio Pero Vaz de Caminha que terá sido sucessivamente cavaleiro das casas de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I poderá ter usado as armas que normalmente lhe são atribuídas⁴¹.

Jaime Cortesão no ponto III - "Dados genealógicos e biográficos sobre os capitães e figuras principais da Armada" do capítulo de sua autoria "A expedição de Cabral (1500)" na obra *História da colonização portuguesa do Brasil*, utilizou para ilustrar as páginas relativas a navegadores portugueses relacionados com a descoberta e exploração da costa do Brasil, as armas das famílias homónimas, mas sem esclarecer em que se fundamenta essa atribuição, como sucede com os navegadores Nicolau Coelho, Simão de Miranda, Gaspar de Lemos, Sancho de Tovar⁴², Nuno Leitão da Cunha, Aires Gomes da Silva, Vas-

⁴¹ Carlos Malheiro Dias estabelece a genealogia de Pero Vaz de Caminha no capítulo "A semana de Vera Cruz", que ilustra com as armas da família Caminha: De vermelho, três trancas de prata, ferradas de ouro, postas em banda e alinhadas em barra, cada tranca guarnecida de uma aldraba do de ouro, pela qual está ligada a do alto à do meio, a do meio à de baixo e esta ao ângulo direito da ponta; elmo de prata, forrado de azul e guarnecido de ouro voltado à dextra, virol e paquife de prata e vermelho; um braço se sua cor, erguido vestido de azul, segurando uma tranca de ouro (os armoriais são consensuais em representar em timbre uma tranca do escudo, ou seja de prata ferrada de ouro como devem ser na realidade). Estas armas surgem acompanhadas da legenda: "Brasão d'Armas de Pero Vaz de Caminha", mas o texto nada refere relativamente ao uso das mesmas por aquele navegador. Curiosamente, no capítulo "A expedição de 1503", do mesmo autor e da mesma obra, quando é referida a biografia e genealogia do capitão-mór Gonçalo Coelho, as armas que o ilustram são dadas na legenda como o "Brasão dos Coelhos": elmo de prata voltado à dextra, guarnecido de ouro e forrado de púrpura, virol e paquife de ouro e púrpura; escudo de ouro, com um leão de púrpura, armado e lampassado de vermelho, carregado com três faixas xadrezadas de azul e ouro; bordadura de azul, com cinco coelhos de prata, manchados de negro; timbre: um leão sante de púrpura armado e lampassado de vermelho, carregado com três faixas xadrezadas de azul e ouro. Cf. Carlos Malheiro Dias - "A semana de Vera Cruz" e "A expedição de 1503" in Carlos Malheiro Dias (ed. lit.) - Ob. cit., vol. 2, pp. 81 e 305.

⁴² Jaime Cortesão - Ob. cit., p. 24-25.

co d' Ataide e Bartolomeu Dias⁴³.

Destes, um caso muito excepcional é Fernão de Loronha ou Fernando de Noronha que, à frente de um grupo de mercadores da cidade de Lisboa, assinou um contrato muito semelhante ao que Fernão Gomes havia feito para a exploração da costa da Guiné, desta feita relativo ao Brasil, e que seria um dos responsáveis pela exploração da costa daquela região⁴⁴. Terá recebido mercê de armas por parte do rei de Inglaterra, não sendo as mesmas autorizadas pelo rei de Portugal que em alternativa lhe mandou passar uma nova carta de brasão-de-armas, conforme surge historiado pelo visconde de Sanches de Baena no *Archivo Heraldico Genealogico*, na entrada n.º 658⁴⁵.

Acresce que vários foram os navegadores que, mercê dos seus feitos, receberam armas ou acrescentamentos honrosos⁴⁶. Uma lista dos armígeros que constituem aquilo que os autores designam como o "Armorial das Conquistas e Descobrimientos" foi publicada por Maria de Lourdes Calvão Borges e José Gui-

⁴³ Ibidem, pp. 28-29.

⁴⁴ Joaquim Romero de Magalhães - "O reconhecimento da Costa" in *Oceanos*. Lisboa: 1999, Julho/Setembro, n.º 39, p. 105.

⁴⁵ «658. fernão de loronha, cavalleiro da casa real. / Tendo requerido em 1506 a el-rei D. Manuel que lhe permittisse usar de uma carta de brazão que el-rei de Inglaterra lhe havia concedido, dando-lhe uma meia rosa das suas, el-rei não lhõ permittiu, mas houve por bem dar-lhe uma nova carta de brazão, o qual era ornado com a dita meia rosa. El-rei D. João III lhe confirmou esta carta em 1524, e o fez fidalgo de cota de armas, concedendo-lhe e a todos os seus descendentes o accrescentamento do referido brazão, que ficou sendo da forma seguinte: — Escudo de campo partido em duas palas; a primeira de prata com uma meia flor de liz de oiro pegada com meia rosa vermelha, na cabeça; a segunda de verde com a mesma meia flor de liz de oiro e meia rosa vermelha, no pé, e uma pomba de prata, voando, na cabeça; elmo de prata cerrado, paquife de prata e verde, e por timbre a mesma pomba; com todas as honras e privilégios de fidalgo pelos muitos serviços que prestou a el-rei D. Manuel.— Dada em Lisboa a 23 de setembro de 1532. (M. N., confirmação e acrescentamento.) Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 35 v., e liv. XXXVII, fl. 126.» Visconde de Sanches de Baena - Ob. cit., vol. 1, p. 165.

⁴⁶ Veja-se a este respeito os artigos: Maria de Lourdes Calvão Borges e José Guilherme Calvão Borges - "O armorial das conquistas e descobrimientos e o armorial da Távola Redonda". Lisboa: s.e., 1990. Separata de *Armas e Troféus*, 1987/88, Jan./Dez., 6.ª série, tomo 1, n.ºs 1, 2 e 3; Humberto Nuno Lopes Mendes de Oliveira e Miguel Metelo de Seixas - Ob. cit..



Armas de Fernão de Loronha/ Fernando Noronha

lherme Calvão Borges em anexo a *O armorial das conquistas e descobrimientos e o armorial da Távola Redonda*⁴⁷, onde estabelecem a diferença entre armas familiares, armas com acrescentamentos honrosos e as restantes, onde incluem armas com partições do escudo e armas simples, não estabelecendo a diferença entre as que são de mercê nova ou não. Chegam ainda à muito interessante conclusão que este conjunto de armas «[...] parece traduzir no gosto e sensibilidade, uma continuidade dos modelos da heráldica medieval portuguesa.» e atendendo a que «É muito débil a presença na heráldica das conquistas e Descobrimientos de figuras associadas directamente aos descobrimientos (padrões, palmeiras, ídolos, etc.)» questionam se tal se deverá a que esta concessão se baseasse mais sobre o cometimento de acções guerreiras, do que pelas próprias descobertas realizadas⁴⁸.

De entre todas as armas que também poderiam estar representadas no cofre citem-se apenas mais dois casos excepcionais:

Nicolau Coelho, comandante da nau Bérrio, da armada de Vasco da Gama, o primeiro a entrar no Tejo com a notícia da chegada à Índia e que foi um dos que recebeu armas de mercê nova⁴⁹, datada de 20 de Maio de 1503

⁴⁷ Maria de Lourdes Calvão Borges e José Guilherme Calvão Borges - Ob. cit.

⁴⁸ Ibidem, p. 17.

⁴⁹ Veja-se a este respeito Maria Helena Mendes Pinto - "Carta de brasão e armas novas passada a Nicolau Coelho" in AA. VV. - *Os Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento: Catálogo da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura: Jerónimos II*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.

com o seguinte brasonamento:

«De vermelho, com um leão de ouro armado e lampassado de azul, ladeado de duas colunas de ouro assentes num contrachefe cortado de verde e de faixado ondado de prata e azul; cada coluna rematada por um escudete de azul carregado de cinco besantes de prata postos em sautor. Timbre: o leão do escudo, sainte.»⁵⁰



Armas de Nicolau Coelho⁵¹

Duarte Pacheco Pereira, cavaleiro fidalgo da Casa Real, o autor do *Esmeraldo de Situ Orbis*, notabilíssimo geógrafo, dirigiu missões no Atlântico Ocidental, foi ele que assinou, em nome de D. João II, o *Tratado das Tordesilhas* e que se crê que será o verdadeiro responsável pela descoberta do Brasil, tendo recebido mercê de armas novas⁵². Este notável português, mercê de feitos extraordinários, recebeu efectivamente carta-de-armas, curiosamente não atribuída pelo rei de Portugal, mas antes outorgada pelo rei de Cochim a 2 de Agosto de 1504, conforme está significativamente descrito por Fernão Lopes de Castanheda na *História do descobrimento & conquista da Índia pelos portugueses*:

«[...] assi lhe dou por insínias e sinais de seus feytos e honrra que nisso ganhou, que nisso ganhou hum escudo vermelho por sinal do muyto sangue que derramou dos de Calicut nesta guerra, e dentro nele lhe dou cinco co-roas de ouro em quina por cinco reys que nela

⁵⁰ Afonso Eduardo Martins Zúquete (coord.) – Ob. cit., p. 168.

⁵¹ *Livro do Armeiro-Mor*, ..., p. 109.

⁵² Armando de Matos - *As armas-novas de Duarte Pacheco Pereira*. Coimbra : Coimbra Editora, 1936.

desbaratou. E a bordadura deste escudo lhe dou branca com ondas azueis, e nela oyto castelos verdes de madeyra, armados nagua sobre dois nauios rasos cada castelo, por duas vezes que ho combateram com estes oyto castelos e dambas os desbaratou: e doulhe sete bandeiras de ponta ao derredor deste escudo, tres vermelhas e duas brancas, e duas azueis, por sete combates que lhe elrey de Calicut deu por sua pessoa, e em todos sete o desbaratou, e por sete bandeiras que lhe tomou, das mesmas cores e feyção que abaixo irão: e doulhe hum elmo de prata aberto goarnecido douro e ho paquife douro e vermelho, e por timbre hum castelo do mesmo teor com huma bandeira vermelha de ponta nele: as quais insínias e armas ele podea trazer mesturadas com as armas d'sua linhagem, ou semm elas, ou como ele quiser com a dita bordadura ou sem ela, como lhe melhor parecer que eu de meu próprio moto e liure vontade, e poder ausoluto lhas dou [...]



Armas de Duarte Pacheco Pereira⁵⁴
(segundo Miguel Boto)

⁵³ Fernão Lopes de Castanheda - *História do descobrimento & conquista da Índia pelos portugueses*. Coimbra, s.e., 1552, vol. 1, p. 173.

⁵⁴ Abade de Vallemont - *Elementos da Historia: Ou o que he necessario saber-se da Chronologia, da Geografia, do Braço, da Historia universal, da Igreja do Testamento velho, das Monarquias antigas, da Igreja do Testamento novo, e das Monarquias novas* (tradução Pedro de Sousa de Castello Branco). Lisboa: Oficina de Antonio Vicente da Silva, 1767 apud Miguel Metelo de Seixas – “Reflexos ultramarinos na heráldica da nobreza de Portugal” in *Congresso Internacional Pequena Nobreza nos Impérios Ibéricos de Antigo Regime*. 2011, Maio, 18-21. E-book. Endereço: <http://run.unl.pt/bitstream/10362/12621/1/Reflexos%20ultramarinos.pdf>. Acedido em 2014, Dezembro, 29, p. 30.

Empresas

O cofre apenas apresenta duas empresas, sendo estas reais, dispostas nos painéis laterais, as dos reis de Portugal, D. João II e do seu sucessor e cunhado D. Manuel I, estando o corpo destas inscrito num escudo, sotoposto de listel ondulado com a respectiva divisa.

Empresa do rei D. João II

Usou o rei D. João II por empresa: um pelicano em sua caridade, a empresa de D. João II sotoposta da legenda em maiúsculas de estilo elzevir «POLA LEI E POLA GREI»



Empresa do rei D. João II⁵⁵

No cofre esta surge repetida em dois painéis, sempre inscrita num escudo circundado por um ramo não identificado, sotoposto por um listel com a supracitada divisa e sobreposto e uma cruz pátea.



Empresa do rei D. João II – pormenor do painel das armas de Pedro Álvares Cabral

⁵⁵ Claustro do convento da Madre de Deus.



Empresa do rei D. João II – pormenor do painel das armas de Vasco da Gama

Empresa do rei D. Manuel I

D. Manuel desenvolveu a política de Descobrimientos que vinha dos seus antecessores e continuou a expansão marítima, sendo do tempo do seu reinado a viagem de Vasco da Gama à Índia e a descoberta oficial do Brasil por Pedro Alvares Cabral.

Usou o rei D. Manuel I por empresa: uma esfera armilar com um listel ondulado enrolado no pé com a legenda em maiúsculas de estilo elzevir «SPERA IN DEO ET FAC BONITATEM»⁵⁶. No cofre, por motivos de economia de espaço esta surge apenas com a legenda «SPERO IN DEO».



Empresa do rei D. Manuel I⁵⁷

⁵⁶ Henrique Avelar e Luís Ferros - “As empresas dos Príncipes da Casa de Avis” in AA. VV. - *Os Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento: Catálogo da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura: Casa dos Bicos*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983, p. 232.

⁵⁷ Pormenor do frontispício do “Livro I” das *Ordenações*. Lisboa: Valentim Fernandes, 1515



Empresa do rei D. Manuel I – painel das armas de Pedro Álvares Cabral



Empresa do rei D. Manuel I – painel das armas de Vasco da Gama

A esfera armilar é o símbolo mais profusamente empregue na obra já que surge ainda representada por quatro vezes nos ângulos da tampa do cofre e, como foi anteriormente referido, aparece ainda encimando todas as armas dos navegadores, no lugar do timbre, ou seja mais dez vezes.



Esferas armilares na tampa do cofre



Esferas armilares como timbre das armas

A existência de apenas duas empresas no cofre mostra, desde logo, alguma limitação na pesquisa que levou à decoração do cofre com brasões e divisas alusivas aos Descobrimentos. É possível compreender as empresas escolhidas, sem dúvida as mais óbvias em termos de reis e dos dois reis mais empenhados na Expansão: o que lança a busca e o que a efectiva, mas só se entende a repetição das mesmas por falta de ambição na investigação que levou à fixação dos símbolos e que, neste caso, implicou a escusada duplicação das divisas. Assim, facilmente, a estas se poderiam juntar duas outras empresas reais, também associadas à Expansão – as de D. Afonso V e de D. João III.

Efectivamente, se não se quisesse repetir empresas, seria fácil adicionar as de outros dois reis particularmente ligados à expansão portuguesa: D. Afonso V que havia tomado por empresa um rodízio, aspergindo gotas, acompanhado dos dizeres «VII E», a mesma que surge abundantemente representada nas célebres tapeçarias que representam a tomada de Arzila e Tânger, vulgarmente designadas como Tapeçarias de Pastrana, por pertencerem àquela colegiada descrita por António Caetano de Sousa na sua *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa da seguinte forma:*

«[...] teve El-Rei D. Afonso V por empresa a roda de hum moinho com a letra ja mais a que se juntava a letra E e o numero VII [...]. Não podemos saber o tempo em que começou a usar deste geroglífico para formar ideia da sua allusão, a qual se via num confessorário seu, no mosteiro de Varatojo, donde a letra E era de empresa, e o Rodizio, que era o corpo junto fazem as palavras Erro dizio, como documento admirável de não encobrir os erros na confissão, e deste logar transferio esta divisa para outros, e do número VII não sabemos a explicação que talvez poderia ser o dos sete pecados capitaes»⁵⁸.

Poderia ainda ser, facilmente, figurada a empresa do rei D. João III que tinha afinidades com a de D. Manuel I, embora fosse diferen-

⁵⁸ António Caetano de Sousa - *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa: Desde a sua Origem até o Presente, com as Familias Illustres, que Procedem dos Reys, e dos Serenissimos Duques de Bragança*. Lisboa: Oficina Silviana, 1737, Tomo 3, pp. 74-75.

ciada, nas suas cores e divisa. Desta dizem-nos Henrique Avelar e Luís Ferros que este rei usou como corpo da sua empresa a mesma que vinha sendo usada pelo seu progenitor, embora com uma divisa diferente «SPES MEA IN DEO MEO»⁵⁹, conforme aparece, aliás, reproduzida na iluminura de rosto do “Livro Octavo d Odiana”⁶⁰ da *Leitura Nova* realizado já no tempo deste monarca e com a sua simbologia.



Empresa do rei D. Afonso V⁶¹



Empresa do rei D. João III⁶²

Também as empresas de dois príncipes se justificavam a enriquecer a iconografia do cofre – um dos quais já considerado em termos heráldicos, o infante D. Henrique, os ramos de carrasqueiro, com a divisa «TALANT DE BIEN FAIRE». Em alternativa, ou cumulativamente, poderia também ser facilmente contemplada e justificada a empresa do infante D. Pedro, a balança, e a divisa «DESIR» uma vez que este príncipe esteve também claramente implicado na Expansão, nomeadamente pela sua ligação à exploração da costa atlântica de África.

⁵⁹ Henrique Avelar e Luís Ferros – Ob. cit., p. 232.

⁶⁰ “Livro Octavo d Odiana” in *Leitura Nova*, livro 16. 15--., s.p.. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

⁶¹ Pormenor das tapeçarias de Pastrana.

⁶² Pormenor da iluminura de rosto do “Livro Octavo d Odiana”.



Empresa do Infante D. Henrique, duque de Viseu⁶³



Empresa do Infante D. Pedro, duque de Coimbra⁶⁴

Quinas

O espaço entre os arcos onde estão circunscritos os escudos de armas e das empresas é preenchido com escudos circulares contendo cada um cinco escudetes dispostos em cruz, numa simplificação das quinas do escudo de Portugal, já que a carga dos escudetes, os cinco besantes de prata, não surge representada, sendo esta síntese certamente devida à muito reduzida dimensão destes escudetes inviabilizar qualquer carga.



Escudos carregados de cinco escudetes dispostos em cruz

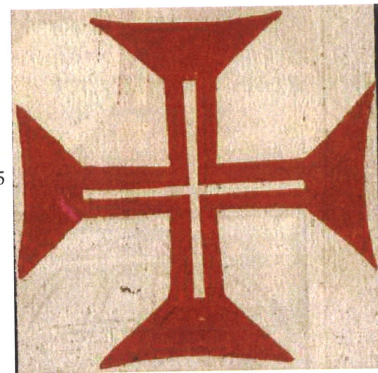
Cruz da Ordem de Cristo

Em termos de insígnias de Ordens de Cavalaria, a decoração do cofre reduz-se à cruz da Ordem Militar de Cristo, sob cuja bandeira navegaram as embarcações portuguesas e de que o infante D. Henrique foi administrador, Ordem depois reformada por D. João III.

Trata-se de um símbolo que surge representado com um número muito significativo de ocorrências, o terceiro, a seguir à esfera

⁶³ Detalhe de iluminura da obra de Gomes Eanes de Zurara - *Crónica dos Feitos da Guiné*, 1453, fl. 5 vº. Bibliothèque Nationale de France.

⁶⁴ Mosteiro de Santa Maria da Vitória, Capela do Fundador, painel frontal do túmulo do infante D. Pedro, duque de Coimbra, cortesia de Miguel Metelo de Seixas.



Cruz da Ordem de Cristo⁶⁵

armilar e às quinas, sendo representado por sete vezes, quatro na parte superior da tampa, duas nos lados da tampa e uma na parte posterior. A cruz representada é uma cruz pátea de braços iguais, vazada, igual à que surge no frontispício da obra *A Regra & diffinções da ordem do mestrado de nosso senhor Ihsu Xpo*⁶⁶.



Cruz da Ordem de Cristo - tampa, lado do painel das armas de Pedro Álvares Cabral



Cruz da Ordem de Cristo - painel posterior



Cruz da Ordem de Cristo - tampa, lado do painel das armas de Vasco da Gama



Cruzes da Ordem de Cristo - parte superior da tampa

Surgem ainda representadas sobrepostas aos escudos das divisas, mas não assentando nestes ao contrário do que sucedia relativamente às esferas armilares que assentam efectivamente nos escudos das armas dos navegadores, várias cruzes páteas, sem particular distinção.



Cruzes páteas - painéis laterais

Divisa camoniana

Na tampa, em listel ondulado, em letras maiúsculas de estilo elzevir, surge o que será talvez o mais emblemático dos versos dos *Lusíadas* relativo à gesta marítima portuguesa: «POR MARES NUNCA DANTES NAVEGADOS». Retirado do canto I, estrofe I, verso 3⁶⁷.

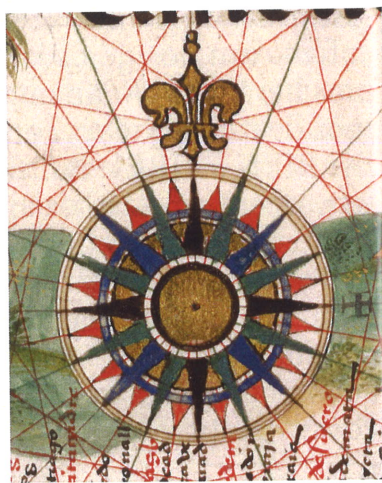


Divisa Camoniana, Luís de Camões - *Lusíadas*, I - I, 3

Rosa dos Ventos

Por fim haverá ainda a citar a representação da rosa-dos-ventos, também muito associada à gesta portuguesa dos Descobrimentos, constante dos mapas coevos da Expansão e também abundantemente utilizada aquando da Exposição do Mundo Português sendo de referir a monumental rosa-dos-ventos que decora a entrada exterior do Padrão dos Descobrimentos da autoria do arquitecto Cottinelli Telmo e do escultor Leopoldo de Almeida, inaugurado aquando daquela mostra.

Rosa-dos-ventos de João Freire⁶⁸



⁶⁷ Luís Vaz de Camões - *Os Lusíadas*. Canto I - Estrofe I, verso 3.

⁶⁸ João Freire - *Atlas: Golfo da Guiné e Costa Ocidental de África*, 1546. University of California, Huntington Library.

É manifestamente simplificada e, à semelhança da forma como surgia representada nos antigos atlas ultramarinos, como o do cartógrafo João Freire, datado de 1546, surge rematada por uma flor-de-lis⁶⁹.



Rosa-dos-ventos



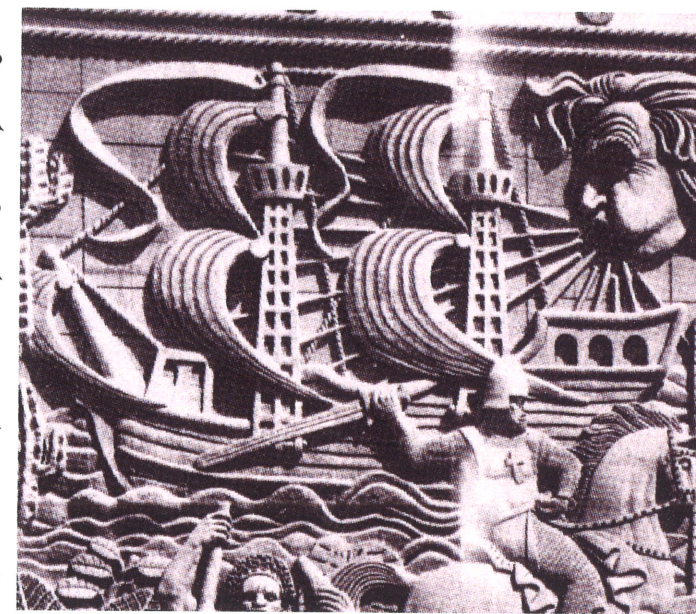
Tampa de cofre heráldico alusivo à Expansão Portuguesa

Nau

A nau vogante num mar encapelado, enquadrada numa cercadura lobulada decorada com flores-de-lis estilizadas, é claramente uma simplificação da mesma embarcação que Canto da Maya esculpiu num baixo-relevo monumental para o Pavilhão de Lisboa na Exposição do Mundo Português de 1940, nau essa que aliás surge reproduzida

⁶⁹ Ibidem.

em vários outros edifícios desta ambiciosa mostra.



Baixo-relevo de Canto da Maia na fachada do Pavilhão de Honra e Pavilhão de Lisboa na Exposição do Mundo Português

Uma das alusões dos Descobrimentos na exposição de 1940 e assinalada como «A alegórica viagem do mundo português, evocou-a a Nau Portugal, posta no seu ancoradouro tradicional do «Aurifer Tagus» da lenda, em frente à praça que se tituló do Império»⁷⁰. Tratava-se da reconstituição de um galeão da carreira da Índia do século XVII «[...] escrupulosamente reconstituído a partir das crónicas de Garcia de Resende e do «Livro das Armadas» [...]». Lançado ao mar em Julho de 1940 em Aveiro, teria problemas na viagem para Lisboa, tendo que regressar a Aveiro e viriam a ser ingleses que o trariam para Lisboa onde seria inaugurado a 8 de Setembro⁷¹.

Conclusão

Outras decorações bem alusivas aos Descobrimentos Portugueses poderiam estar figuradas. Da iconografia da Expansão Portuguesa ficam a faltar claramente os instrumentos náuticos, nomeadamente o astrolábio náutico, uma importante inovação técnica, derivado do anterior astrolábio planisférico e adaptado pelos portugueses às navegações, ou o quadrante náutico indispensável para

⁷⁰ *Mundo Português: Imagens de uma Exposição Histórica*, ..., s.p.

⁷¹ Margarida Acciaiuoli - Ob. cit., p. 192.

⁶⁵ Ibidem.

⁶⁶ Pormenor do frontispício de *A Regra & diffinções da ordem do mestrado de nosso senhor Ihsu Xpo*. Lisboa: Valentim Fernandes, 1504.

medir a latitude. A própria decoração poderia ter motivos mais evidentemente ligadas à estética do Manuelino. Não obstante, o cofre estudado é particularmente emblemático de uma certa visão da Expansão Portuguesa e dos Descobrimentos Marítimos, a do Estado Novo, inserindo-se claramente na época da Exposição do Mundo Português de 1940, altura em que o passado e actuação portuguesa no mundo são glorificados e de alguma forma apropriados pelo governo vigente, nomeadamente para legitimar a posse das colónias ultramarinas e o próprio regime, galvanizando a população à volta de um núcleo de heróis nacionais, que lideraram efectivamente uma gesta notável, não só os reis, mas todos aqueles que colocaram Portugal como líder efectivo do comércio e no domínio dos mares.



Nau Portugal (fotografia invertida na horizontal)

Fontes e Fontes Iconográficas

Livro do Armeiro-Mor. Lisboa: Academia Portuguesa de História/Edições Inapa, 2000

“Livro Octavo d Odiana” in *Leitura Nova*, livro 16. 15--. Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Mundo Português: Imagens de uma Exposição Histórica. Lisboa: Edições SNI, 1956

Ordenações. Lisboa: Valentim Fernandes, 1515

A Regra e diffinções da ordem do mestrado de nosso senhor Ihsu Xpo. Lisboa: Valentim Fernandes, 1504

•• CAMÕES, Luís Vaz de Camões – *Os Lusíadas*. Lisboa: Antonio Gonçalvez, 1572

•• CASTANHEDA, Fernão Lopes de – *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*. Coimbra, s.e., 1552

•• FREIRE, João – *Atlas: Golfo da Guiné e Costa Ocidental de África*, 1546. University of California, Huntington Library

•• GODINHO, António – *Livro da Nobreza e Perfeçam das Armas*. Lisboa: Edições Inapa, 1987

•• LUDOLFO de Saxónia – *Vita Christi* (trad. port. Nicolau Vieira e Bernardo de Alcobaça). Lisboa: Nicolau de Saxónia, 1495

•• VALLEMONT, Abade de – *Elementos da Historia: Ou o que he necessario saber-se da Chronologia, da Geografia, do Brazaõ, da Historia universal, da Igreja do Testamento velho, das Monarquias antigas, da Igreja do Testamento novo, e das Monarquias novas* (tradução Pedro de Sousa de Castello Branco). Lisboa: Oficina de Antonio Vicente da Silva, 1767

•• VICENTE, Gil – *Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente a qual se reparte em cinco liuros. O primeyro he de todas suas cousas de deuaçam. O segundo as Comedias. O terceyro as Tragicomedias. No quarto as Farsas. No quinto as obras meudas*. Lisboa: Joam Alvarez, 1562

•• ZURARA, Gomes Eanes de – *Crónica dos Feitos da Guiné*, 1453. Bibliothèque Nationale de France

•• Bibliografia

•• ACCIAIUOLI, Margarida – *Exposições do Estado Novo 1934-1940*. S.l.: Livros Horizonte, 1998

•• AVELAR, Henrique e FERROS, Luís – “As empresas dos Príncipes da Casa de Avis” in AA. VV. – *Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento: Catálogo da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura: Casa dos Bicos*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983

•• BORGES, Maria de Lourdes Calvão e BORGES, José Guilherme Calvão – “O armorial das conquistas e descobrimentos e o armorial da Távola Redonda”. Lisboa: s.e., 1990. Separata de *Armas e Troféus*, 1987/88, Jan./Dez., 6.ª série, tomo 1, n.ºs 1, 2 e 3

CABRAL, António Machado de Faria de Pina – “Simbolismo heráldico dos descobrimentos e conquistas portuguesas” in *Comunicaciones y Conclusiones del III Congreso Internacional de Genealogia y Heráldica*. Madrid: Instituto Internacional de Genealogia y Heráldica, 1955

CORTESÃO, Jaime – “A expedição de Cabral (1500)” in DIAS, Carlos Malheiro (ed. lit.) – *História da colonização portuguesa do Brasil*. Porto: Litografia Nacional, 1922, vol. 2

COSTA, Francisco Carreiro da – s.v. “CORTE REAL, Irmãos” in SERRÃO, Joel (dir.) – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1981 [reed.], vol. 2, p. 197

COSTA, Francisco Carreiro da – s.v. “VELHO, Fr. Gonçalo” in SERRÃO, Joel (dir.) – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1981 [reed.], vol. 6, pp. 266-267

DIAS, Carlos Malheiro – “A expedição de 1503” in DIAS, Carlos Malheiro (ed. lit.) – *História da colonização portuguesa do Brasil*. Porto: Litografia Nacional, 1922

DIAS, Carlos Malheiro – “A semana de Vera Cruz” in DIAS, Carlos Malheiro (ed. lit.) – *História da colonização portuguesa do Brasil*. Porto: Litografia Nacional, 1922

FREIRE, Anselmo Braancamp – *Armaria Portuguesa*. S.l.: s.n., 1925

LANGHANS, F. P. de Almeida – *Heráldica Ciência de Temas Vivos*. Lisboa: Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, 1966

LOPES, Carlos da Silva – “As Conquistas e Descobrimentos na Heráldica Portuguesa no Século XVI”. Braga: 1960. Separata de *Armas e Troféus*, 1960, Jan./Abr., 2.ª série, n.º 2

MAGALHÃES, Joaquim Romero de – “O reconhecimento da Costa” in *Oceanos*. Lisboa: 1999, Julho/Setembro, n.º 39

MATOS, Armando de – *As armas-novas de Duarte Pacheco Pereira*. Coimbra: Coimbra Editora, 1936

NASCIMENTO, João Cabral do – s.v. “TEIXEIRA, Tristão Vaz” in SERRÃO, Joel (dir.) – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1981 [reed.], vol. 6, p.

•• 138

•• NASCIMENTO, João Cabral do – v. “ZARCO, João Gonçalves” in SERRÃO, Joel (dir.) – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1981 [reed.], vol. 6, p. 358

•• OLIVEIRA, Humberto Nuno Lopes Mendes de e SEIXAS, Miguel Metelo de – “As Armas de D. Vasco da Gama e os acrescentamentos honrosos na heráldica portuguesa dos séculos XV e XVI” in *Tabardo*. Lisboa: Centro Lusíada de Estudos Heráldicos e Genealógicos/Universidade Lusíada, 2002, n.º 1

•• PINTO, Maria Helena Mendes – “Carta de brasão e armas novas passada a Nicolau Coelho” in AA. VV. – *Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento: Catálogo da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura: Jerónimos II*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983

•• SANCHES DE BAENA, Visconde de – *Arquivo Heraldico-Genealogico*. Lisboa: Typographia Universal, 1872

•• SÃO PAIO, Conde de (D. António) – *À Memória de Afonso de Dornelas*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1948

•• SÃO PAIO, Conde de (D. António) – “Heráldica de Família: As armas dos Reis D. João I e D. Manuel I, Infantes D. Pedro e D. Henrique, Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque” in *Elucidario Nobiliarchico*. Lisboa: Afonso de Dornelas, 1929

•• SEIXAS, Miguel Metelo de – “Reflexos ultramarinos na heráldica da nobreza de Portugal” in *Congresso Internacional Pequena Nobreza nos Impérios Ibéricos de Antigo Regime*. 2011, Maio, 18-21. E-book. Endereço: <http://run.unl.pt/bitstream/10362/12621/1/Reflexos%20ultramirinos.pdf>. Acedido em 2014, Dezembro, 29

•• SOUSA, António Caetano de – *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa: Desde a sua Origem até o Presente, com as Familias Illustres, que Procedem dos Reys, e dos Serenissimos Duques de Bragança*. Lisboa: Oficina Silviana, 1737

•• ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins (coord.) – *Armorial Lusitano*. Lisboa: Representações Zairol, 1987, 3.ª ed.